

AS TELECOMUNICAÇÕES E A TECNOLOGIA QUE COBRI EM 50 ANOS

Por Ethevaldo Siqueira

“Quero confessar aqui duas grandes paixões: pelo Jornalismo e pelas Telecomunicações.

Volto a março de 1967 para dizer que cheguei à redação do jornal O Estado de S. Paulo (o nosso Estadão) cheio de esperança por ingressar no jornalismo, logo após ter sido aprovado no primeiro vestibular da Escola de Comunicações da USP.

Fui recebido no jornal pelo dr. Júlio Mesquita Filho, uma lenda viva do jornalismo brasileiro, que me incumbiu de cobrir a área de telecomunicações, lembrando que o governo militar acabava de criar o Ministério das Comunicações. E terminou com uma previsão profética:

— Meu filho, dedique-se de corpo e alma à cobertura das Telecomunicações, porque esse setor tem futuro. Pressinto que você vai cobri-lo até resto de sua vida.

E minha primeira reportagem foi sobre a instalação do Ministério das Comunicações, no dia 15 de março de 1967. Consegui até entrevistar o ministro Carlos Simas, primeiro titular dessa pasta.

Nos primeiros tempos, por estar presente a quase todos os eventos setoriais, ganhei do comandante Quandt de Oliveira o apelido de Televaldo.

O jornalista precisa contar com duas circunstâncias favoráveis: estar no lugar certo, na hora certa. Além dessa sorte, precisará contar com o apoio de bons amigos, porque ninguém constrói nada sozinho na vida.

Por isso, divido com meus amigos o que de melhor o jornalismo me proporcionou. No setor de telecomunicações, os primeiros amigos que tive foram Vicente Martins Jr. e Jorge Beretta, diretores da Companhia Telefônica da Borda do Campo. Por intermédio deles conheci, em 1970, outros líderes da iniciativa privada, entre os quais, meu querido amigo Luiz Alberto Garcia e seu pai, Alexandrino Garcia, o saudoso fundador da CTBC mineira e do grupo Algar.

Na área pública, a partir de 1972, fiz dezenas de entrevistas na Embratel, com Helvécio Gilson e Carlos de Paiva Lopes. Durante dois anos, trabalhei na velha Companhia Telefônica Brasileira, como assessor de imprensa, a convite do presidente da empresa General Siqueira de Meneses e dos diretores Delson Siffert e Ovídio Barradas.

Vejo aqui, nesta noite, com alegria, muitos amigos e líderes setoriais. Pela hierarquia, começo com o ministro Gilberto Kassab, que também participou da luta pela privatização das telecomunicações, liderada pelo saudoso ministro Sérgio Motta.

Outro amigo de longa data, com quem aprendi muito, é Juarez Quadros, presidente da Anatel. E tantos companheiros de jornada, como Luiz de Oliveira Machado e Aluísio Byrro e muitos outros.

Cobri o dia-a-dia da Telebrás, desde 1972 até a privatização do Sistema em 1998. Entres os presidentes dessa holding, recordo com muita saudade da figura do General José Antônio de Alencastro e Silva, presidente da Telebrás por 11 anos, de 1973 a 1984, e um dos melhores exemplos de competência e retidão na vida pública brasileira.

Aprendi muito nos painéis da Telebrasil. Nesses eventos pude conviver com grandes profissionais do setor, como, por exemplo, o comandante Luiz Carlos Bahiana e Verner Dittmer. A propósito, tenho um segredo a contar: eu estava presente no 1º Painel, realizado há quase 43 anos, no Hotel das Paineiras, em dezembro de 1974, no Rio de Janeiro. E já estamos no Painel nº 61.

A maior sorte que tive no âmbito profissional foi começar a carreira no Estado de S. Paulo, minha grande escola de jornalismo, e onde trabalhei 45 anos. Nesse jornal, aprendi a ser jornalista 24 horas por dia, inclusive fora de minha especialidade, como, por exemplo, os terríveis incêndios dos edifícios Andraus e Joelma, nos anos 1970.

E, em viagens ao Exterior, entrevistei líderes mundiais, como Ben Gurion, o criador do Estado de Israel, o secretário da Defesa dos EUA, Robert MacNamara, e o secretário de Estado Henry Kissinger. E a cada mês de janeiro, de 1970 até 2017, eu cobri 47 edições do CES – Consumer Electronics Show, de Las Vegas, a maior feira de eletrônica do mundo.

Em 1979, fundei a RNT (Revista Nacional de Telecomunicações), uma revista inteiramente profissional e independente. Uma das grandes bandeiras da RNT foi o combate ao confisco do antigo Fundo Nacional de Telecomunicações (FNT) – que retirou do setor cerca de US\$ 3 bilhões. Algo parecido com o que acontece com nossos três fundos: FUST, FISTEL e FUNTTEL.

Acompanhei de perto e lutei pela modernização setorial, de 1995 a 1998, ao lado do saudoso ministro Sérgio Motta, com a promulgação da Lei Geral das Telecomunicações, a criação da Anatel e a privatização da Telebrás, no primeiro mandato de Fernando Henrique.

Cito aqui apenas três indicadores sobre o que ocorreu nos últimos 17 anos, como resultado da privatização da Telebrás:

- O número de acessos fixos e móveis saltou de 24,5 milhões para 284 milhões: um crescimento de 1.100%.
- A densidade telefônica do País passou de míseras 11 linhas telefônicas por 100 habitantes para 133 por cento.
- As operadoras privadas investiram R\$ 720 bilhões em 17 anos ou quase 10 vezes o total investido pela Telebrás, em 18 anos.

O jornalismo não só me abriu as portas do mundo como me levou às estrelas, em especial nas três décadas em que cobri o projeto espacial da NASA, desde a missão Apollo 11, dos primeiros homens na Lua, em 1969. Um ano depois, sofri durante 3 dias, com o resgate dramático da Apollo 13.

Até o ano 2000, cobri os principais lançamentos da NASA, inclusive os ônibus espaciais, o Telescópio Espacial Hubble e a Estação Espacial.

Uma de minhas coberturas que mais me emocionaram foi a do lançamento da sonda Voyager 1, há exatos 40 anos -- no dia 5 de setembro de 1977 – no Cabo Canaveral. Essa nave espacial visitou os planetas Júpiter e Saturno e, em 2012, se tornou o primeiro artefato feito pelo homem a ingressar no espaço interestelar.

Não lhes parece incrível saber que a Voyager 1 está agora a 20,9 bilhões de km da Terra, voando a mais de 48 mil km/hora? E os cientistas da NASA estimam que ela dará uma volta em torno da Via Láctea a cada 225 milhões de anos.

Jornalistas adoram correr riscos. Em 1974, resolvi conhecer o projeto espacial soviético, o que era quase uma missão impossível durante o regime militar. Naquele ano, viajei a Moscou, por conta própria, com visto de turista emitido pela Embaixada soviética em Paris.

Para fazer reportagens na antiga União Soviética eu precisava de um visto profissional especial. Para obtê-lo eu corri um dos maiores riscos durante o governo militar: sem qualquer convicção ideológica, eu decidi me filiar ao Partido Comunista Brasileiro”, aliás, por sugestão do assessor de imprensa da embaixada russa em Paris.

Viajei para a União Soviética em 1977, com a carteirinha do Partidão. Em Moscou, fui tratado como “camarada Siqueira”, e todas as portas se abriram para mim, até porque era o ano das comemorações dos 60 anos da Revolução Russa. Em 1978, fiz mais duas viagens.

Voei no supersônico Tupolev 144 de Moscou ao Cazaquistão para visitar a Base de Baikonur. Para quem não se lembra, o Tupolev 144 era uma cópia piorada do Concorde francês. Só foram fabricados seis protótipos. E todos explodiram. Inclusive, seis meses depois, aquele em que voei.

Vocês estão diante de um sobrevivente do Tupolev 144.

Ao longo de minha carreira, tenho sido um privilegiado, pois além das telecomunicações e da

tecnologia, eu pude testemunhar eventos tão importantes quanto a queda do Muro de Berlim em 1989 e o desmoronamento da antiga União Soviética em 1991.

Um dos maiores privilégios foi entrevistar luminas da ciência e da tecnologia como Arthur Clarke ou Carl Sagan. Ou dialogar com pioneiros da informática como Bill Gates ou Steve Jobs. Com a experiência e a idade avançada, aprendi a ser muito mais simples e mais modesto. Até porque, em última instância, não passo de um contador de histórias.

Como brasileiro, depois de conhecer mais de 80 países, tenho uma nova visão da humanidade. Como jornalista, aprendi que nós, brasileiros, precisamos lutar de forma implacável contra a corrupção, consolidar a democracia, e construir um País realmente moderno e desenvolvido”.